

Os assassinados que não importam mais

O ano de 2013 está só na metade e o número de moradores de rua assassinados no Brasil já passou a marca de 200. Eles são espancados ou furados de bala ou queimados. Desses casos todos, somente treze ganharam inquérito na justiça.

Temos tentado conter o número de mortes no trânsito. Nosso esforço no sentido de proteger as pessoas da violência do latrocínio também é louvável. A gritaria de alguns a respeito de “vândalos” em manifestações de protesto chega até mesmo ao exagero. Também há a eterna reclamação dos que acreditam que é correto criar oposição entre “o pessoal dos Direitos Humanos” e os policiais. Tudo isso mostra nossa preocupação geral com a violência urbana. Mas, quando lemos “mais um morador de rua assassinado enquanto dormia”, nos calamos. Não clamamos por medidas. Não fazemos proselitismo à direita ou à esquerda. Perdemos a língua.

A regra básica de nossa sociedade tem sido esta: você pode cair, mas não caia até um banco de praça, pois a partir daí, você será computado como menos que um número estatístico. Sua eliminação será certa, e todos os setores sociais se calarão. Os intelectuais ou os formadores de opinião continuarão fazendo crítica de cinema, louvando Deus, metendo o pau no feminismo e criando caso com quem protege animais. Mas poucos acharão que devem gritar contra a “limpeza social”, que é de fato o que está vigente nessas mortes todas de mendigos e moradores de rua.

Nossa sociedade tem centenas de pequenas e grandes crueldades. Creio que uma boa parte de nós até que é atenta a isso. Mas, tenho de admitir, essa crueldade da “limpeza social”, que atinge pessoas que jamais roubaram algo ou que nunca consumiram droga alguma, apenas são extremamente pobres e sozinhas, ultrapassa tudo que eu possa compreender. Eu entendo como surgem “grupos de extermínio”, os que matam inocentes que seriam vistos como potenciais bandidos. Todavia, a morte dos mendigos e moradores de rua que, todos sabemos, por estatísticas e estudos, pouco se envolvem com a criminalidade em nossa sociedade, tem explicação somente em um dado: há um nível de crueldade gratuita em nossa sociedade que precisa ser barrado, contido, que passou da conta.

Nossa sociedade é capaz de sentir repúdio máximo por diversos crimes, principalmente os ligados ao sexo. Mas nossa sociedade não reage de modo digno se alguém pobre, enrolado em um saco e sem comida, ganha como punição (por não ter feito nada de mal) uma lata de gasolina e um palito de fósforo. É como se nós, no fundo, quiséssemos mesmo que uma tal pessoa fosse embora do mundo, que ela parasse de sofrer pela miséria e, mais ainda, parasse de nos jogar na cara o fracasso que somos como sociedade e como indivíduos. Sim, fracasso, por não resolvermos um problema que qualquer prefeito poderia resolver se quisesse mesmo resolver, que é não deixar que existam brasileiros perdidos em bancos de jardim ou mesmo no chão de qualquer canto da calçada.

Paulo Ghiraldelli Jr., 55, filósofo, escritor, cartunista e professor da UFRR.

Fonte: < <http://ghiraldelli.pro.br/os-assassinados-que-nao-importam-mais/>>